

Roda de ConversAÇÃO 1

Convidada especial:
Profª Drª Helena Singer

Coordenação:
Profª Diana Paula Salomão de Freitas
Profª Elena Maria Billig Mello



INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Helena Singer⁽¹⁾

⁽¹⁾ Prof^a. Dr^a em Sociologia. Vice-presidente para a Juventude da Ashoka América Latina, membro do Conselho Municipal de Educação de São Paulo, colunista da Revista Nova Escola e colaboradora do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP).

Entre duas lógicas

A inovação na área de negócios é a última tecnologia, a tecnologia mais recente inventada pelo setor industrial. Há grande estímulo à inovação nos negócios para a promoção ao desenvolvimento tecnológico. Na área social, a inovação é algo muito diferente disso, é aquilo que as pessoas e comunidades criam com base em pesquisa, com metodologia clara, sobre a realidade em que vivem para enfrentar os desafios sociais de seu contexto. Esses desafios, hoje, são a degradação socioambiental, a desigualdade socioeconômica e a fragilidade da democracia. Então, a inovação no campo social são as criações, as invenções das comunidades para enfrentar esses três desafios.

A educação participa dos dois mundos, o dos negócios e o social. A educação como negócio refere-se a todas as mercadorias envolvidas no processo de escolarização, desde as escolas e universidades privadas com fins lucrativos até os materiais didáticos, passando por todas os recursos pedagógicos e didáticos, entre outros. Todo negócio no campo da educação vai tentar vender a inovação como a última mercadoria disponível. Esta é produzida pelas empresas, sejam as gigantes do ramo ou as *start-ups*, e distribuídas via mercado aos pais, às escolas, secretarias e Ministério de Educação.

Já no campo social, a educação é direito, direito à escolarização, acesso aos recursos e às oportunidades educativas diversas. A inovação neste caso é produzida pelas próprias escolas e demais organizações educativas que criam metodologias e tecnologias para enfrentar os desafios sociais de seu dia a dia.

Como o principal desafio da educação é garantir a aprendizagem de todos, os três desafios sociais citados estão fortemente presentes no cotidiano de uma instituição educativa. É no enfrentamento da desigualdade, da degradação socioambiental e do autoritarismo que educadores criam as tecnologias, estratégias, dispositivos e metodologias capazes de superá-los para garantir que todos aprendam.

Os Pilares da inovação

A inovação social é sempre um projeto coletivo. O coletivo que se constitui pode ser dos professores da escola, jovens de uma comunidade, de educadores e educandos de uma determinada instituição, de pessoas de diversas áreas reunidas em torno de um objetivo comum.

O segundo pilar é a pesquisa. O novo será criado com base em pesquisa sobre o contexto em que aquele coletivo está inserido. Pode ser que um grupo de estudantes se forme em torno de um ponto de interesse comum: um assunto, uma iniciativa comunitária, uma apresentação cultural. A possibilidade de eles criarem uma metodologia que depois possa ser utilizada por outros grupos de estudantes depende de eles iniciarem o processo pela pesquisa sobre como aquele determinado ponto se apresenta na sua realidade e o que eles precisam fazer para abordá-lo de uma forma inovadora.

O mesmo vale para a organização que queira produzir uma mudança no contexto social em que ela se encontra. O processo precisa iniciar pela pesquisa sobre este contexto, quais são os seus desafios e suas potências, quais questões precisam ser priorizadas, quem são os outros agentes do lugar que precisam ser convidados a participar desta construção.

A especificidade da inovação social no contexto educacional é que, ao final do processo, importa não só o sucesso em relação ao resultado alcançado, mas também o aprendizado propiciado aos seus participantes.

Quando a inovação é a própria escola

Qualquer transformação ou inovação começa com um grupo de pessoas, um coletivo ou equipe que sonha e projeta junto. No caso da escola, não é comum que funcionários, professores e gestores se entendam como um coletivo, que reconheçam seus pares como colegas de uma mesma equipe, que projetem juntos a escola com que sonham.

A partir da constituição desse sentimento de equipe, o passo seguinte é incluir os estudantes na construção deste sonho comum. E na sequência, a comunidade na

qual a escola está inserida, que inclui as famílias, os vizinhos, as organizações locais, os demais agentes públicos. A escola inovadora é um projeto que cresce em círculos, envolvendo cada vez grupos maiores.

Juntos, equipe, estudantes e comunidade vão projetar a escola que desejam a partir de uma série de perguntas: que escola é essa? Qual o papel específico que uma escola tem que desempenhar neste lugar em que estamos? a que objetivos ela deve atender? Quais são suas prioridades? O que somente ela pode fazer pelas pessoas deste lugar? É assim que nasce o Projeto Político Pedagógico inovador.

Estas indagações iniciais vão ser recolocadas todos os anos: o que vamos fazer juntos este ano para atingir os objetivos desta escola? Que mudanças vamos produzir nas nossas vidas e nas vidas das pessoas deste lugar? Como vamos nos organizar para isso? Assim se constitui a base para um currículo contextualizado, significativo e inovador.

Uma inovação social, por ser criada coletivamente em relação direta com seu contexto, não pode ser replicada. Mas, pode inspirar processos análogos. Para poder sonhar com o novo, é preciso ter um repertório amplo e diversificado de possibilidades. No caso específico da escola, como esta é a instituição onde, em geral, constituímos nossa subjetividade, temos grande dificuldade em concebê-la de uma forma inovadora. Por isso, a importância fundamental de divulgar amplamente as escolas que são elas mesmas inovadoras.

A política pública voltada para a inovação educacional não deve, portanto, se organizar a partir de modelos criados em gabinete para serem replicados. Ao contrário, ela deve reconhecer as inovações em sua rede, fortalecê-las e possibilitar que as demais equipes possam não só as conhecer, mas vivenciá-las para, de forma refletida, se inspirar e criar suas próprias inovações. Cada escola inovadora é única e, portanto, uma rede será tanto mais inovadora quanto mais diversificadas forem suas escolas.

É comum que gestores públicos busquem inovar trazendo exemplos de outros países, em geral países desenvolvidos que, inclusive, não lidam com os desafios da desigualdade social, da degradação socioambiental e do autoritarismo com a mesma intensidade que as escolas brasileiras precisam lidar. Em contrapartida, muitas vezes a inovação já existe na rede, mas não é reconhecida e é até mesmo desincentivada por não seguir os padrões.

Uma secretaria ou departamento de educação que tem uma escola cuja equipe se encarregou de criar um projeto coletivo que envolveu a comunidade, as

famílias e está construindo o projeto pedagógico que todos sonham, tem o perfeito ativo para a inovação em toda a sua rede. Se este for seu objetivo, tal secretaria ou departamento deverá criar as condições para que esta escola se torne um núcleo de inovação, com estrutura para abrigar estágios e vivências dos outros profissionais da rede, bem como estabelecer parcerias com as instituições de nível superior, para a formação inicial e as pesquisas acadêmicas que consolidarão e ampliarão o impacto das tecnologias e metodologias criadas.

A inovação educacional nas últimas três décadas no Brasil

O processo de redemocratização suscitou, como era de se esperar, grande mobilização em torno da transformação da educação no país. Os debates em torno das diversas propostas a este respeito culminaram na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de dezembro de 1996.

O próprio tema da democracia na educação adquiriu muita importância. Mas, esta questão estava, na época, basicamente limitada a dois aspectos: a universalização do acesso aos processos de escolarização e a constituição de instâncias formais que possibilitassem a participação dos setores organizados nos processos de decisão sobre as políticas educacionais.

O que nascia como realmente inovador das próprias escolas eram estratégias para a ampliação da participação dos estudantes, dos professores e dos funcionários nas decisões institucionais. Nos anos seguintes, começamos a ter notícias de escolas que organizavam assembleias escolares e outras formas de participação direta dos estudantes nas decisões e gestão, como comissões de responsabilidade e fóruns.

Os debates sobre o currículo sempre tiveram relevância e as propostas progressistas de um modo geral afirmam uma perspectiva mais plural do ponto de vista dos conhecimentos valorizados e mais transversal em relação à abordagem dos temas tratados. O processo de universalização do ensino fundamental, somado ao fortalecimento da proposta da inclusão escolar das pessoas com deficiência, obrigou as escolas a lidar com os limites de sua estrutura homogeneizadora baseada em séries e notas. A partir do momento em que as pessoas com deficiência deixaram ser isoladas nas escolas especiais para ser incluídas nas escolas regulares, estas precisaram se transformar, já que não é possível adaptá-las ao padrão da escola regular.

As inovações criadas pelas escolas para enfrentar o desafio de incluir a todos em processos qualificados de aprendizagem foram aquelas que possibilitaram outras formas de funcionamento, de organização do espaço, do tempo e do conhecimento. Neste último quesito, estas escolas criaram estratégias curriculares que possibilitam ao estudante maior autonomia na organização de suas atividades, respeitando sua singularidade e seus interesses. Escolas que estruturaram seus currículos a partir de roteiros de estudos, por projetos coletivos ou individuais, e em grupos de estudos, rompendo com a estrutura disciplinar e seriada.

Já no final primeira década do século, outro tema ganhou relevância: o reconhecimento de que a educação é muito mais do que a escolarização. A educação envolve diversas organizações para além da escola, começando pela família, passando pelas igrejas e organizações educativas comunitárias. As instituições não escolares sempre desempenharam um papel fundamental na educação das novas gerações.

São de diversas naturezas as organizações educativas: as ligadas às instituições de ordem religiosa, os escoteiros – que são a maior organização de jovens do mundo, as organizações criadas no contexto das políticas da assistência social, para as crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, as organizações dos campos da cultura, da comunicação, do meio ambiente e dos direitos humanos que promovem a educação popular. São milhares de organizações educativas, que fazem trabalhos relevantes, que tem profissionais comprometidos, metodologias consolidadas – muitas vezes de sucesso – e que não influenciam a educação formal. Elas são pouco visibilizadas, pouco tematizadas e, quando recebem recursos públicos são sempre escassos, porque todo o financiamento da educação é para a escolarização. No entanto, muito da inovação educacional é criado pelas organizações não escolares.

Talvez porque elas tenham maior liberdade de funcionamento ou talvez porque tenham na sua razão de ser o enfrentamento da desigualdade social, da degradação socioambiental e do autoritarismo, o fato é que muitas criaram dispositivos, metodologias e tecnologias capazes de engajar as crianças e os jovens em seus processos de aprendizado e envolver uma diversidade de atores para romper com a fragmentação do conhecimento, das experiências e dos projetos.¹

¹ Para conhecer diversas escolas e organizações educativas inovadoras no país, ver Movimento de Inovação na Educação (movinovacaonaeducacao.org.br).

Aspecto fundamental que envolve esta perspectiva mais integral da educação é o posicionamento da instituição educativa como centro de produção e cultura local. Quando esta posição é assumida pela escola, ganha em força e impacto. Ao se integrar às instituições culturais, à rua, as oportunidades de educação ambiental, enfim, a todas as oportunidades disponíveis no território, a escola tem condições muito melhores de realizar um projeto político pedagógico inovador, que possibilite a transformação positiva do modo como vivem seus estudantes e famílias.

Da resistência à transformação

Qual será a próxima inovação na educação? Vivemos atualmente um momento de diluição das estruturas que conhecemos, inclusive a do sistema escolar. Cada vez mais se evidencia que as pessoas se educam, aprendem e desenvolvem fora do contexto escolar, ultrapassando as barreiras físicas do tempo e do espaço, com as novas tecnologias de comunicação e informação. Neste contexto, pode ser que as escolas se diluam e nasçam mais comunidades de aprendizagem. O que é certo é que estas tecnologias estão possibilitando aos jovens, cada vez mais cedo, serem agentes de transformação positiva do mundo. Este movimento indica que, possivelmente, as próximas inovações educacionais nascerão dos próprios jovens, como já foi esboçado em 2015 e 2016 pelo movimento de ocupação das escolas pelos estudantes em todo o país.

À medida que a história avança no sentido de maior poder aos mais jovens, diluição de velhas estruturas e maiores possibilidades de transformação positiva, crescem também as forças contrárias. Os que não se reconhecem neste novo mundo, com menos garantias e com maior demanda por capacidades de lidar com flexibilidades, instabilidades e incertezas, assumem uma posição de ódio à mudança e buscam, inclusive com o uso da força, tentar barrar a história.

Neste momento, os que sempre lutaram por um país mais democrático, inclusivo e diverso, se vêem diante de um impasse: resistir ao ódio e garantir o que já foi conquistado ou prosseguir no caminho da inovação. Trata-se de impasse porque os retrocessos acontecem exatamente no vácuo de novas propostas.

Precisamos reconhecer que, apesar de todas as conquistas a desigualdade socioeconômica e a degradação socioambiental vem crescendo e a democracia está cada vez menos efetiva para garantir a participação igual de todos. No campo

específico da educação, o que foi conquistado não foi suficiente para garantir que todos fossem incluídos em processos qualificados de aprendizagem e as inovações criadas por comunidades e escolas não foram valorizadas, fortalecidas ou multiplicadas.

O discurso da resistência perde para as propostas que aparecem como “novas” e que prometem acabar com os problemas que permanecem. Daí a urgência de estimular a inovação social, capaz de criar novas soluções, e buscar formas de ampliar seu impacto.